

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Folha de São Paulo

Class.:

Data:

03.05.80

Pg.:

Exército poderá intervir contra ação dos xavantes

BARRA DO GARÇA (Do enviado especial) — A possibilidade de intervenção de tropas do 2.º Exército para tentar solucionar o conflito entre índios e fazendeiros da reserva indígena de Pimentel Barbosa, no Mato Grosso foi admitida ontem em Barra do Garça por um alto funcionário da Funai, que pediu que seu nome não fosse mencionado.

Anteontem à tarde, 13 agentes da Polícia Federal, comandados pelo delegado Souza Leão, que estava acompanhado do coronel José Augusto de Souza, comandante do 58.º Batalhão de Infantaria Motorizada, sediado em Aragarças, e do capitão Angelo, sub-comandante da mesma unidade, suspenderam os trabalhos de demarcação das terras que os xavantes vinham realizando há cinco dias sem a presença da Funai. Os indígenas exigem que a presidência do órgão reconheça a anexação de mais 80 mil hectares à reserva de Pimentel Barbosa.

No entanto, os agentes policiais não conseguiram desarmar os indígenas, pois foram impedidos de fazê-lo pelos caciques xavantes, que argumentaram que os fazendeiros continuam armados. Na quarta-feira passada, a assessoria de imprensa da Funai, em Brasília, informou que agentes da Polícia Federal estavam sendo deslocados para a reserva com a finalidade de desarmar os indígenas.

ASSEMBLÉIA

Reunidos em assembléia durante toda a noite de anteontem os caciques xavantes decidiram exigir a presença hoje, do coronel Nobre da Veiga, presidente da Funai, em Pimentel Barbosa, para que ele diga qual é a posição do órgão em relação à demarcação da reserva.

Os caciques decidiram ainda apoiar o chefe da ajudância da Funai em Barra do Garça, Odenir Pinto de Oliveira, ameaçando romper com o órgão tutor caso Odenir seja preso pela Polícia Federal, que já tentou por duas vezes prendê-lo sob a acusação de estar incitando os indígenas.

Por sua vez, Odenir acusou ontem o presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, pela situação de insegurança e tensão reinante em Pimentel Barbosa e responsabilizou-o "por um possível derramamento de sangue na região". Ao assumir a sua aberta dissidência com a direção do órgão, Odenir afirmou que o coronel "tentou comprar a amizade dos caciques xavantes", revelando que o presidente da Funai "deu 12 mil cruzeiros para a filha do cacique Aniceto comprar seu vestido de noiva; 4 mil para o mesmo cacique comprar guaraná para uma festa;

25 mil para Mário Juruna viajar a Campo Grande; 85 mil para o chefe da reserva do Koluene e 60 mil para o cacique Celestino, de Parabubure".

Outro ponto de divergência entre o chefe da ajudância de Barra do Garça e o presidente da Funai é o "Projeto Xavante", denunciando que por omissão da Funai cerca de 50 por cento da colheita dos xavantes está praticamente perdida "por falta de transporte entre as aldeias".

TUTELA

Os caciques xavantes decidiram também "aceitar momentaneamente" a presença de agentes da Polícia Federal e, se for o caso, até de militares, mas sob uma condição: "se até segunda-feira próxima a Funai não tiver atendido a suas reivindicações, os trabalhos de demarcação serão reiniciados".

Os chefes indígenas debateram ainda uma questão extremamente importante para o futuro da nação xavante: se continuam ou não a aceitar a tutela da Funai, caso o órgão não atenda às suas exigências. Com relação a este ponto, os indígenas voltarão a discuti-lo somente na terça-feira próxima, depois de receberem a resposta da Funai.

SEM CONFRONTO

Apesar de não ter havido até o momento nenhum confronto direto entre índios e fazendeiros, a situação em Pimentel Barbosa continua tensa. Os caciques xavantes não aceitaram o desarmamento de seus guerreiros pela Polícia Federal, sabendo que os fazendeiros continuam se armando para rechacá-los num eventual ataque. Enquanto mulheres e crianças estão sendo retiradas das aldeias, os homens disfarçam sua tensão jogando bola, embora afirmem que estão preparados "para uma guerra a qualquer momento".

Instruídos pela Polícia Federal e por oficiais do Exército, os fazendeiros, por outro lado, fizeram ontem uma retirada estratégica. Foram instruídos para não impedirem a movimentação dos indígenas, tentando-se com isso evitar conflitos e esvaziar o movimento xavante.

Em Barra do Garça, onde a presença de oficiais do Exército e de agentes da Polícia Federal está aguçando a curiosidade da população local, apesar de toda a discrição dos militares e dos agentes, anteontem à tarde circulou uma informação de que um caminhão com munição teria se dirigido para a localidade de Matinha, a poucos quilômetros da aldeia. Segundo as mesmas informações, em Matinha, onde vivem cerca de 500 pessoas, a ordem é para atirar no primeiro índio que aparecer na localidade.